



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

FERNANDA PORTO VENTURINI

(depoimento)

2015

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Fernanda Porto Venturini

Entrevistador: Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

Local da entrevista: Restaurante Prima Bruschetta, Leblon, Rio de Janeiro, RJ

Data da entrevista: 02/09/2014

Processamento da Entrevista: Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

Páginas Digitadas: 10 páginas

Número da entrevista: E-462

Data da autorização para publicação no Repositório: 02/09/2014

Revisão para inserção no Repositório: Isabela Lisboa Berté e Silvana Vilodre Goellner

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares intitulada *Mulheres em Manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em maio de 2015.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

SUMÁRIO

Iniciação no esporte; Trajetória esportiva; Geração do vôlei da década de 1980; Apoio da família; Articulação entre carreira e vida pessoal; Percepções em torno do corpo atlético; Rotina de treinamento; Diferenças entre o vôlei masculino e feminino; Influência da geração de 1980 para o vôlei brasileiro; Legado do vôlei na sua vida.

M.T. – Fernanda, o que te levou ao voleibol?

F.V. – Na época, eu morava em Ribeirão Preto, tinha um problema na coluna, de crescimento, cresci muito rápido e o médico falou “por que você não joga vôlei, faz algum esporte e tal?” Como eu gostava do vôlei, já acompanhava, assim, já via na época do Bernard, Bernardino, já acompanhava. E aí foi quando eu comecei e depois que comecei eu vi que tinha jeito e aí não parei mais.

M.T. – Você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?

F.V. – Não, assim de fazer no colégio eu jogava basquete, handebol, coisas de colégio. Mas não assim de fazer como eu fiz o vôlei, não.

M.T. – Quando você começou a jogar e por qual clube?

F.V. – Eu comecei na Cava do Bosque com o meu primeiro técnico, o Roger Viana. Mas o clube mesmo que eu jogava era a Recreativa [Recreativa de Ribeirão Preto]. O começo da minha carreira toda foi na Recreativa, até os quinze anos.

M.T. – E com quem você começou a jogar voleibol?

F.V. – Com esse técnico Roger Viana que foi quem me ensinou a jogar voleibol.

M.T. – Na tua opinião como era ser jogadora de voleibol na década de oitenta?

F.V. – A década de oitenta não rolava tanto dinheiro como rola hoje. Você tinha uma ajuda de custo. Eu era novinha e já ganhava uma ajuda de custo lá no clube. E assim já tinha Jaqueline e a Isabel que jogaram uma temporada comigo lá, eu tinha doze ou treze anos quando elas jogaram lá na Blue Life, em Ribeirão. Então, assim, eram outros tempos; a gente estudava de manhã, treinava à tarde até então eu não tinha pegado seleção. Depois, na seleção que começou a treinar dois períodos e aí que começou a profissionalizar mesmo o vôlei.

M.T. – Descreva a sua trajetória esportiva desde o começo até o momento em que você resolveu parar.

F.V. – Ah, comecei a jogar me destaquei no time, lá em Ribeirão acabou, eu tinha quinze anos. Desde os treze anos a Pirelli me chamou pra jogar em São Paulo e minha mãe nunca deixou e tal. Eu era muito nova e com quinze acabou e aí eu fui pra São Paulo. Minha mãe me emancipou, eu sempre fui muito responsável. Sempre fui eu, eu tenho dois irmãos mais velhos e aí foi quando eu comecei né? Dali não parei mais. Aí fui para o Pão de Açúcar que foi pro time que eu fui, na época, com a Fátima, não lembro o nome dela agora, uma negona, alta que é de Ribeirão, a Fatão, foi com ela que comecei, que a gente foi morar em São Paulo. Aí teve a Simone Storn, que também vinha de Brusque e foi quando começou, quando eu comecei mesmo no Pão de Açúcar. Aí, depois do Pão de Açúcar eu fui jogar uma temporada em Minas que era aquele perfume L'acqua di Fiori. Aí depois eu voltei e joguei, eu não sei se eu fui direto pra Sorocaba, teve a Sadia, eu joguei três anos na Sadia. Aí depois da Sadia eu fui pra Sorocaba, depois fiquei mais três anos. Aí veio Curitiba, mais três anos, sempre de três em três [risos]. Aí eu vim pro Rio, joguei sei lá quantas temporadas. Aí eu parei, depois eu voltei, aí acabou no Rio minha temporada. Aí nesse meio tempo joguei três meses na Espanha e o geral é isso.

M.T. – [Quais] as pessoas foram importantes na sua trajetória para consolidação da tua carreira?

F.V. – Ah, com certeza a minha família, a minha mãe, que sempre me apoiou. Meu pai faleceu quando eu tinha dezessete anos e até então ele gostava. Meu primeiro técnico que acho que é o mais importante na carreira de um atleta, que é o que ensina que o mais difícil é ensinar, eu acho. Mas, a família sempre teve do meu lado, né?

M.T. – Como foi a participação da família ao longo da tua trajetória?

F.V. – Ah, foi assim, minha mãe falava “ah, não pode parar de estudar”. Tanto é que eu fiz o segundo e o terceiro colegial empurrando com a barriga, né? Eu já jogava profissionalmente, mas ela sempre me apoiou. Quando eu chorava no começo pra ir embora e tal eu falava “mãe

quero ir embora” e ela respondia “volta, pega um ônibus e volta”. Daí, no dia seguinte você acha que eu voltava? Nem queria né?

M.T. – Quais os principais fatos ocorridos na década de oitenta, você considera importantes?

F.V. – Foi a fase de mudança na minha vida, né? De sair de uma cidadezinha e ir morar em São Paulo sozinha, total independência e até uma fase mesmo de eu resolver se eu queria jogar ou não, né? Pra mim, uma fase decisiva, de escolher “não eu não quero parar não, é isso que eu quero”. Enfim, foi ali que eu realmente decidi que queria jogar vôlei. Aí eu comecei com levantadora, depois, com dezessete anos passei pra levantadora, na época o Inaldo Manta que era na Sadia e foi uma mudança grande na minha vida. Acho que esse foi o marco mais importante.

M.T. – E o fato de ter sido campeã mundial juvenil em oitenta e sete?

F.V. – Foi em oitenta e sete, né? Eu acho que ali eu já era atacante, primeiro mundial eu joguei de atacante. O segundo que eu joguei levantando. Então, assim, também foi uma transição já lá no mundial em Seul. Ele já me colocava, já treinava um pouquinho. Eu gostava, né? Eu até já fui desde novinha, eu lembro que na época do Cava do Bosque eu falava pro Roger, meu técnico, que quando ele quisesse, se eu podia levantar. Às vezes faltava uma levantadora eu já gostava desde aquela época. Eu já tinha habilidade.

M.T. – Qual episódio marcou tua carreira na década de oitenta? Eu sei que os principais ocorreram depois de oitenta, mas, na década de oitenta que é o foco do estudo, quais você destaca?

F.V. – Eu acho que ter disputado uma Olimpíada com menos de vinte anos foi um fato marcante. Eu acho que ter jogado os dois mundiais e ganhado também foi importante. O Inaldo ter peitado todo mundo e ter me colocado levantando e a gente ganhou todos os campeonatos. Então todos esses fatos foram importantes.

M.T. – E a entrada de vocês três na seleção adulta? Foi uma responsabilidade grande, foi uma adaptação fácil? Como aconteceu isso?

F.V. – Ah, pra mim tudo era fácil. Eu era quieta no meu canto, nunca fui muito de... Fazia lá meu treinamentozinho, nunca me intimidei por causa disso, não é meu tipo fazer isso, então nunca tive problema.

M.T. – Quais as principais dificuldades você enfrentou no esporte na década de oitenta?

F.V. – Por ter me destacado desde cedo eu nunca tive problema com dinheiro, vim de uma família média alta, então, assim, eu podia viver do vôlei. Não tinha nenhum problema como amigas minhas que precisavam de dinheiro, sabe? Não tinham condições e tal. Mas, não lembro assim de problema, não tive problema, graças a Deus.

M.T. – O que significava pra você ser jogadora de voleibol da seleção brasileira?

F.V. – Ah, já era um status, né? Nossa, tão nova e já tá na seleção, já vai jogar uma Olimpíada. Mas isso é coisa do falatório porque aumentava seu salário, cada vez você ia ganhando mais, alcançava um nível maior. Então, só status mesmo, nada demais.

M.T. – E na seleção qual era o seu objetivo? O que você sonhava conquistar?

F.V. – Ah, conquistar era chegar em algum lugar, né? Porque a gente não chegava. O vôlei naquela época era quinto, sexto, sétimo. Então, melhorar de posição e realmente quando o Bernardo entrou que deu a reviravolta do Brasil começar a ganhar competições, enfim, então foi por ali.

M.T. – O que o voleibol trouxe de positivo pra tua vida, Fernanda?

F.V. – Ah, trouxe meu casamento, né? O futuro, eu conheci meu marido no vôlei, minhas duas filhas, uma vida confortável. A gente tem muito mais do que a gente imaginava ter. Então, a gente não pode reclamar. Hoje eu tenho mil coisas já. Então, o vôlei foi muito bom, mas ficou. Não é uma coisa que eu quero continuar estar dentro dele não, menor vontade.

M.T. – O que representou pra você participar dos Jogos Olímpicos?

F.V. – Tudo de bom. Eu acho que todo atleta sonha disputar uma Olimpíada, né? Você vê todas as nacionalidades, os melhores do mundo. Realmente, só quem participa é que sabe como que é uma emoção sensacional.

M.T. – Como foi pra você conciliar as demandas do voleibol com a tua vida pessoal?

F.V. – Ah, na época não tinha filho. Eu comecei a namorar o Bernardo na década de noventa e nunca tive problema; não tinha nada que me prendesse. Podia ficar aqui, podia ir pra lá, já tinha meu dinheiro, fazia o que eu queria. Minha mãe nunca me podou, então, assim, eu tinha a vida que eu quis, viajava pra cá viajava pra lá. Então fui muito independente.

M.T. – Como você percebia o olhar do outro sobre seu corpo atlético?

F.V. – Normal. Acho que todo mundo aprecia a mulher, mas, assim, nada de mais.

M.T. – A questão dos músculos não era uma coisa que as pessoas reparavam?

F.V. – Não porque eu sempre fui forte, mas não macha ou qualquer coisa assim. Eu não era “sapata”, sempre fui feminina. Então, não havia nada que pudesse chamar a atenção mais do que o normal.

M.T. – E como era a rotina de treinamentos na seleção? Em termos de sacrifício, lesão, superação?

F.V. – Tudo a gente começa a falar a partir do Bernardo, né? Foi quando realmente tudo ficou difícil porque os treinamentos eram intensos, a preparação física mudou radicalmente com o Zé Inácio [José Inácio]. Então, você treinava no limite, tinha que descansar à tarde, porque senão você não aguentava treinar período manhã e tarde. Tinha briga por posição, mas era saudável. Tinha que ficar treinando sempre no máximo. Então ali que a gente via o que era treinar, né? Até então era outro ritmo.

M.T. – As meninas falavam que era uma carga intensa de treinamento, oito horas por dia. Mas também era chamada uma geração cobaia porque não tinha um treinamento adequado. O que você pensa disso?

F.V. – As mais velhas. Eu já tinha, mas concordo que elas foram cobaias.

M.T. – Mas em termos de intensidade de treinamento era igual ou pior?

F.V. – Sete horas, mas eram duas horas de manhã, de forma intensa, que valia mais do que quatro horas. Então não é quantidade. A qualidade que era forte.

M.T. – Havia diferença na tua opinião entre o voleibol feminino e o voleibol masculino na década de oitenta?

F.V. – O masculino tinha mais ibope, dava mais porque já tinha tido mais status, pode-se dizer assim, eu acho.

M.T. – Você acredita que por conta das conquistas que eles tiveram primeiro do que as meninas?

F.V. – É, eu acho que por causa de oitenta e quatro, né? Então eu acho mais por isso mas as meninas também eram super...

M.T. – Em termos de tratamento você percebia alguma diferença?

F.V. – Não, não, nada assim gritante.

M.T. – O que representou o voleibol feminino na década de oitenta na tua percepção, tanto em nível nacional quanto internacional?

F.V. – Ah, quando a gente começou a sair pra jogar fora, em oitenta e cinco, foi na época que eu peguei a primeira seleção. Ai que você vê o que era vôlei, mundialmente falando porque era outra coisa. Uma coisa é jogar a liga nacional e depois você jogar uma liga mundial, né?

Aí é que você via realmente: “Nossa, como são boas, como saltam, como são fortes!” Então aí é que se começou a fazer esse intercâmbio, que faz você crescer. Não tem você ficar aqui treinando e querer jogar lá fora, né? Por isso que esse intercâmbio tem que existir sempre. Você jogar lá fora, perder, perder, perder, até que começou a ganhar.

M.T. – O que a geração dos anos oitenta deixou para as gerações seguintes na tua opinião?

F.V. – Eu acho que deixou esse ensinamento de responsabilidade. Aos poucos iam entrando as meninas mais novas, então ela já tinha uma bagagem. Elas meio que norteavam a gente sobre o que tinha que fazer sobre o que era certo o que era errado. Enfim, a pessoa ia se moldando, né? Eu acho que elas abriram mesmo as portas pra gente e depois ficou bem mais fácil.

M.T. – Quando você parou de jogar Fernanda? Em qual clube? Por quê?

F.V. – A primeira, eu parei lá no Rexona, em Curitiba, uma vez que eu não queria mais ir pra seleção. Estava cansada, não aguentava mais viajar, ir pro Japão, não aguentava mais. Depois foi no Rio quando eu parei bem depois que eu sai da seleção, quando já era Unilever. Dessa vez parei mais pela idade mesmo, porque já não aguentava mais treinar. Eu gostava de jogar; até pouco tempo atrás tinha vontade de jogar, mas hoje em dia nem isso eu tenho mais. Então chega a hora, né? Tem hora pra tudo. Tem hora pra começar e tem hora para terminar e o físico também não ajudava.

M.T. – E como que foi a decisão de parar de jogar?

F.V. – Ah, foi muito tranquila porque eu já vinha pensando nisso. Aí, quando você faz uma coisa por prazer é uma coisa, mas quando você faz uma coisa por obrigação não tem por que. Tudo bem, eu sou obrigada a trabalhar, isso é uma coisa, mas não era uma coisa que dependia do meu corpo, uma hérnia cervical com meu joelho ruim. Então, não era uma coisa assim saudável, mas uma coisa que virou sacrifício. Então, a partir desse momento não tinha porque eu fazer o que eu não preciso mais se eu posso ficar em casa. Tinha minhas filhas já, então foi muito tranquilo pra mim parar.

M.T. – Como foi a transição a partir do momento que você decidiu parar de jogar?

F.V. – O Bernardo que inventou de eu voltar a jogar dessa última vez. Eu nem ia voltar mais, já havia decidido cuidar das meninas, ficar mais tempo com elas. Queria montar uma academia minha que acabou de ficar pronta esse ano, lá em Ribeirão. Então, assim, me dedicar a outros projetos e também ficar um tempo sem fazer nada. É tão bom. Eu fiquei um tempo sem fazer nada, me cuidando e fazendo as coisas que eu gostava e foi uma época gostosa. Comecei a pedalar, daí foi quando fiz um monte de amizade no pedal, enfim, poder acompanhar meu marido também nos jogos, assistir os jogos lá fora. Então, foi uma transição legal não foi uma coisa como todo mundo diz. Não teve perrengue. Muita gente diz que não tem dinheiro, não tem trabalho. Eu, graças a Deus, tenho um casamento super bem sucedido, uma família ótima. Então, não tenho do que reclamar.

M.T. – Você sente saudades da época em que jogava?

F.V. – Sinto lógico. Era uma época muito divertida, a gente se divertia muito junto, não posso reclamar. Se eu falasse que queria mudar isso, não queria. Se tivesse que viver tudo igual, viveria tudo igual novamente. Mas, foi uma época que passou, muito gostosa. Tenho poucas amizades do vôlei, mas tenho contato com meninas que jogaram comigo lá no juvenil e tal, mas acho que é isso o bom, que fica.

M.T. – E o que mudou na sua vida depois de você ter parado de jogar?

F.V. - O quê que mudou? Mudou isso de aproveitar mais a vida porque eu fiquei muito tempo dentro de hotel, dormindo tarde na concentração. Nesse sentido, acho que a gente leva uma vida muito sacrificada, então, quando você tem mais isso foi muito bom.

M.T. – Em qual momento da sua vida você foi mais feliz, quando você jogava ou depois de você ter parado de jogar? Por quê?

F.V. - Eu acho que em todos os momentos eu fui feliz. Eu não posso reclamar. É lógico que tem as tristezas, tem as coisas boas, as derrotas, mas isso aí não é o mais importante. Então, eu acho que agora é um momento da minha vida que eu não jogo mais. Nesse outro momento da

minha vida eu também estou muito feliz. Então tá tudo caminhando bem, minhas filhas crescendo bem, enfim, só falta meu marido sair da seleção e o resto tá perfeito [risos]. Só mais dois anos. Então, não posso reclamar da vida.

M.T. – Você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois que parou de jogar? Qual sua ocupação hoje em dia?

F.V. – Não. Hoje eu sou sócia, eu e o Bernardo somos sócios da rede Body Tech, de uma loja de bicicleta. Eu tenho essa academia que é minha, lá em Ribeirão, que agora está com quase quatrocentos alunos e abriu faz quinze dias. Se chama Fórmula e é a segunda marca da Body Tech. Eu montei lá porque minha mãe mora lá, meu irmão e pra poder ficar mais tempo com a minha mãe que está numa idade avançada. Então um dos motivos foi montar lá porque a gente ia muito pouco pra lá e minhas filhas são as únicas netas da minha mãe, então assim aproveito levo e tal. Eu cuido de muita coisa, casa, acabei a obra da academia, agora é obra de casa e tem as coisas do Bernardo, sou eu que cuido de tudo já que ele não sabe nem o que nada, enfim...

M.T. – Fernanda, o que o voleibol significa para você?

F.V. – Minha vida. Me deu meu marido, deu minha família, deu minhas filhas, meu enteado. O vôlei vai estar sempre na minha vida, não tem como.

M.T. – Qual foi o principal legado que o voleibol deixou pra sua vida?

F.V. – Ah, deixou que o vôlei me trouxe o marido que é o mais importante, a possibilidade de constituir uma família, que é o que toda mulher sonha. O respeito, acho que o vôlei é o esporte que te traz muita disciplina, então acho que isso é o mais importante e os contatos que eu tenho até hoje e está muito enraizado com o vôlei. Lá dentro de casa por causa do meu marido e do Bruno, né? Então não tem como eu fugir dele. Às vezes eu quero fugir, mas não tem como.

M.T. – Fernanda, pra terminar você gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas que a gente abordou nessa entrevista?

F.V. – Não, não de maneira nenhuma, eu acho que é por ai mesmo. Acho que hoje o vôlei é outro vôlei. Eu peguei esse vôlei que paga muito dinheiro para as meninas que andam de classe executiva. Hoje é outra realidade. Elas choram de barriga cheia. O que eu falo é que quem passou um pouquinho do que nós passamos, da base ruim, não reclamaria tanto. Mas, peguei a base boa também. Elas choram de barriga cheia mas o importante que o vôlei, a seleção está bem. Precisa é moralizar a CBV porque o Ari [Ari Graça Filho], tem que tirar o Ari lá da CBV, da confederação internacional porque se ele roubou aqui no Brasil deve estar roubando muito lá fora também. Enfim, é uma pena porque fizeram aquele centro de treinamento, mas que nem o Bernardo fala as federações não trabalharam nada durante vinte anos. Então, daqui a duas Olimpíadas não vai ter mais ninguém, porque não se trabalhou, não tem renovação; é uma catástrofe porque a gente colhe o que planta. Então como nós não plantamos nada de uns vinte anos pra cá... O voleibol vai ser um fiasco porque não tem renovação.

M.T. – Eu queria te fazer uma última pergunta. Na década de oitenta, Isabel e Jaqueline serviram de espelho pra vocês, pois elas já estavam atuando e você estava começando a jogar. Eu fiz questão de te entrevistar porque eu acredito que elas passaram o bastão pra tua geração. Vocês tiveram a oportunidade de trocar essa experiência e seguir adiante. Queria que você me falasse um pouco de como que foi pra você essa geração em termos não só de convivência, mas em termos de espelho. Serviu de inspiração? O que você poderia dizer a respeito disso?

F.V. – Então, com certeza. Eu estive muito com a Isabel e Jaqueline por causa de Ribeirão e tal. Eram “porras loucas”, ainda bem que não segui nada delas porque se eu seguisse... Não gostavam de treinar, faziam tudo pelo meio. Então, não eram um espelho perfeito. Mas, com certeza, elas quebraram muitas barreiras e eram guerreiras. Eu acho que se não fosse a geração delas, a gente ainda estaria ralando pra colocar o vôlei onde ele chegou. Com certeza, elas influenciaram muito. Eu lembro da Jaqueline... Quando eu já era atacante eu gostava de ver a Jaqueline levantando... Ficava vendo, assim, era uma inspiração. Ela e o Maurício foram os que eu mais gostava de ver levantando.

M.T. – Entendi. Fernanda, eu te agradeço demais pelo teu tempo.

F.V. – Imagina, imagina.

[FINAL DA ENTREVISTA]